

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15565 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 25 - GE Corpo e Educação

PARA AMPLIAR OS LUGARES DO CORPO NA EDUCAÇÃO: CRIAR-APRENDER-ENSINAR HEELS ENQUANTO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Matheus dos Anjos Margueritte - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PARA AMPLIAR OS LUGARES DO CORPO NA EDUCAÇÃO: CRIAR-APRENDER-ENSINAR *HEELS* ENQUANTO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo propor discussões dançadas a respeito dos lugares do corpo na Educação a partir da prática docente de *Heels* – dança que se faz no salto alto – em espaços não-formais de ensino. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em nível de mestrado em Educação, que contou com a participação de 10 alunas regularmente matriculadas em academias de dança na cidade de Curitiba-PR. Os resultados indicam a necessidade de associar a esfera criativa aos processos de ensino-aprendizagem como forma de ampliação de preceitos e noções de corpo nas diferentes áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Heels*. Educação. Corpo. Dança. Criação-ensino-aprendizagem.

Este texto tem como desejo mover conceitos, ideias e percepções a respeito dos processos de criação-ensino-aprendizagem de técnicas de dança – especificamente o *Heels* – em academias de dança, a partir da necessidade de reconhecer e ampliar as noções de corpo que circulam por estes espaços. Trata-se de um recorte da pesquisa em nível de Mestrado desenvolvida pelo autor, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e que foi realizada com 10 alunas de *Heels* regularmente matriculadas em academias de dança, entre os anos de 2022 e 2024, na cidade de Curitiba-PR.

Tendo em vista o crescente protagonismo que o *Heels* tem assumido em ambientes não-formais de ensino – aqui, academias de dança – e, nesse sentido, a gradativa entrada de corpos ditos “fora da norma” – pessoas pretas, gordas, comunidade LGBTQIA+, entre outros – nessas salas de aula, cabe propor interrogações dançadas sobre os modos com que temos atuado como professoras/es e as metodologias que temos escolhido em nossos fazeres docentes.

Embora estejamos tratando da área da Dança, há de se suspeitar da premissa de que

ensiná-la e aprendê-la implica, necessariamente, na presença do(s) corpo(s). Tenho observado ao longo dos anos que a vigência de hierarquias antiquadas, tal qual professor/a ensina e aluno/a aprende ou a concepção de que técnica de dança recai na busca por um tipo de corpo “ideal”, sucumbe nossos corpos a experiências alienantes e que nos condicionam a manter o *status quo* de sistemas de dominação.

O que proponho, portanto, são rotas alternativas para o ensino de técnica de dança, que desviam dos discursos hegemônicos e que apostam na potência de cada corpo. Nesse sentido, pretendo inicialmente contextualizar a manifestação artística *Heels*, destacando o lugar de resistência enquanto ontologia desta dança e o percurso traçado por ela até as academias de dança; Na sequência, sustentado pela minha prática docente, estabeleço diálogos com Paulo Freire e a importância da dimensão criativa nos processos de ensino-aprendizagem; E, por fim, compartilho uma das abordagens metodológicas desenvolvidas ao longo da pesquisa de mestrado em Educação, cujo objetivo foi exercitar o *Heels* enquanto prática de resistência.

Com origem norte-americana, *Heels* ou *Heels Dance* é uma dança que utiliza sapatos de salto alto em seu fazer e que possui uma íntima relação com o advento da cultura Pop, sobretudo no que compete ao trabalho realizado por cantoras e *girl groups*. Esta dança tem o seu estopim com o videoclipe da música *Crazy in Love* da artista musical Beyoncé: com movimentações sensuais, poses icônicas e desfiles pelas ruas de Nova Iorque, o *Heels* emerge como uma reinvidicação dos desejos e prazeres das mulheres que, até então, eram socialmente sucateados.

Importante destacar que o *Heels* foi uma das estratégias utilizadas por estas artistas para retomar a posse de seus corpos e discutir o protagonismo feminino tanto na área musical, quanto em outras camadas sociais. Esse foi um movimento que, sustentado pelas 2ª e 3ª ondas do feminismo e exponenciado pela globalização, fez novos horizontes para corpos que haviam sido banidos de experimentar suas vontades (Autor, 2024).

Ademais, o *Heels* por optar se dar sobre um objeto – salto alto – que já estava marcado com histórias e significados próprios, também se caracteriza, em alguma medida, por se apropriar e subverter lógicas previamente dadas. Dentre esses sentidos do salto alto, a pesquisadora Francesca D’Ângelo (2016) vai destacar a popularidade flutuante destes sapatos: se em um primeiro momento ele foi criado como marcador social da nobreza – elevava-se os pés dos nobres do nível do chão, no qual pisavam apenas as classes trabalhadoras – no período pós-guerras ele vai assumir um status generificado, atribuído essencialmente às mulheres que adentravam ao mercado de trabalho e, que precisavam utiliza-los como forma de imponência frente ao machismo e ao sexismo vigentes.

Ainda que o foco deste texto não seja as relações de gênero, cabe destacar o seguinte retrospecto associado à utilização de sapatos de salto alto por mulheres: de um lado temos os ideais morais tradicionalistas, como os vistos entre as décadas de 1930 e 1940, que

reforçavam o papel doméstico da mulher; alguns estudos feministas da década de 1960, que questionavam a hipersexualização da mulher que usava salto alto; ou, ainda, as advertências médicas promovidas a partir de 1980 sobre a utilização frequente de sapatos deste tipo. Em oposição, observamos a emancipação sexual das mulheres vista nos anos 1920; a inquietação sobre um único modo de “ser mulher” iniciada em 1950; a efetiva participação das mulheres no mercado de trabalho na década de 1980, cujo código vestuário era influenciado pela ascensão de comportamentos fetichistas; e, por fim, o advento da cultura Pop a partir dos anos 1990, que provocou uma rápida popularização deste estilo de calçado, cujos desdobramentos podem ser percebidos atualmente (D'Ángelo, 2016).

Toda a complexidade de entendimentos que gira em torno do salto alto durante os últimos anos pode ser interpretada como diferentes fios de uma densa trama de forças e poderes, que ora oscilam entre a valorização do seu uso, como símbolo de independência, e ora assumem um caráter de repulsa. O que está em questão não é necessariamente o uso do salto alto, seja no cotidiano, seja na dança, mas sim a relação corpo-salto alto que, de maneiras distintas, implica em aprender a se colocar no mundo de maneira mais ativa, sobretudo diante das violências que mulheres e comunidade LGBTQIA+ sofrem diariamente.

No que compete à área da Dança, o *Heels* surge como uma ação artística capaz de mover conceitos e pressupostos associados ao salto alto e aos estigmas relacionados a corpos que desejam viver plenamente suas libidos, desejos e prazeres. Se o corpo tem sido campo de diferentes batalhas, dançar *Heels* torna-se, então, prática de resistência.

Assim, ao chegar às academias de dança – espaços privados de ensino não-formal – mulheres, comunidade LGBTQIA+ e outros corpos ditos “fora da norma”, passam a ocupar nossas salas de aula. Logo, me parece que esta diversidade de corpos e subjetividades nos convoca a adotar uma outra postura metodológica enquanto professoras/es: será que cabe reforçar a ideia de que técnicas de dança buscam por padrões a serem seguidos quando nossas/os estudantes já divergem daquilo que a norma instaura e espera?

Tenho notado que a docência em academias de dança, fortemente marcada pelo ensino de técnicas, poderia tomar outros contornos, abraçar outras práticas, que não apenas as relacionadas à reprodução de passos ordenados em sequências específicas, ainda que esta seja uma etapa importante e de grande relevância para o processo de aprendizagem das técnicas de dança. Se, como aponta a pesquisadora Eva Oliveira (2008), técnica é um saber fazer, que saberes e fazeres estão circulando em nossas salas de aula?

No que compete ao *Heels*, os conteúdos fundantes desta dança se afastam de métodos cartesianos de ensino e convidam nossos corpos a se aventurarem em outras trajetórias possíveis, mais inclusivas e coerentes com a realidade.

Dentro dessas rotas, destaco o lugar inventivo que os encontros de uma sala de aula podem promover quando os interesses individuais dos corpos que habitam esse espaço são vistos, ouvidos e acolhidos. Por estarmos tratando de processos educativos que se dão na

interface com a Arte, professoras/es e alunas/os são cocriadores das aulas, e os papéis entre quem ensina e quem aprende são sempre fluidos.

Considerar a criação como uma dimensão intrínseca aos processos de ensino-aprendizagem se torna fundamental para uma prática docente que almeja, em primeira e última instância, uma Educação que seja transformadora, capaz de inventar outros mundos.

Esse é um convite que Paulo Freire nos faz no livro *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa* (2020), no qual o autor reflete sobre a prática docente e suas possibilidades frente a um sistema de dominação. Dentro de seus apontamentos, Freire (2020, p. 31) propõe que “(...) o estímulo à capacidade criadora do educando” é uma das chaves para se alcançar uma educação libertadora, comprometida com a realidade dos educandos. Ainda, segundo o autor:

[...] **o processo de aprender**, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, **é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador**. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de **curiosidade epistemológica**. (Freire, 2020, p. 26-27, grifo nosso).

Em outras palavras, fui percebendo que o ensinar-aprender dança, assim como outros saberes, enquanto prática de resistência frente a mecanismos de dominação só é possível se atrelarmos a eles um caráter criativo, entendido aqui como essa curiosidade/inventividade epistemológica defendida por Freire, em que os corpos são constantemente convidados a estarem juntos, presentes e cocriadores. Portanto, se tomamos as aulas de *Heels* como um lugar de resistência, não há como desconsiderar o caráter criativo dos processos de ensino-aprendizagem e, nesse ínterim, faz-se necessário uma atualização do termo ensino-aprendizagem para *criação-ensino-aprendizagem*.

Como estratégia para exercitar o criar-aprender-ensinar *Heels* em academias de dança, comprometido com a não-manutenção de práticas desconectadas da realidade, retomo a ontologia do *Heels* – poses, desfiles e videoclipes – e proponho ao corpo discente a experimentação dessa dança a partir da investigação colaborativa da tríade epistemológica supracitada.

Seguindo essa esteira de pensamento, criar-aprender-ensinar a técnica da dança que se faz no salto alto deixou de estar fadada a mera repetição de passos e deu lugar para a descoberta de repertórios próprios. Se, em um primeiro momento era o professor que elaborava as poses presentes nas coreografias, agora as estudantes passavam a buscar e experimentar possibilidades através de imagens em revistas e *websites*. Ou, se antes o caminhar no salto alto estava restrito a ordenar um pé a frente do outro, passamos a nos perguntar o que estava em desfile, isto é, em evidência, quando nossos corpos ousavam sensualizar à 15 centímetros do chão.

O ponto de culminância deste processo investigativo foi a criação de videocliques autorais das 10 alunas participantes da pesquisa, cujo objetivo era responder a pergunta *O que pode o corpo que escolhe dançar Heels?*

Dentre as estudantes, destaco a produção realizada por duas delas: A primeira, uma mulher gorda, que naturalmente rompe com aquilo que se espera como sensual na construção feita pelo senso comum; E, a segunda, uma mulher negra que sofre radicalmente as consequências de um sistema racista.

Ambas as artistas adotam em suas produções audiovisuais um caráter de denúncia frente aos estigmas que seus corpos vivenciam diariamente: ao se colocarem em evidência esses corpos indicam que não se contentarão com discursos que invisibilizam suas subjetividades. Nestes videocliques, as alunas abrem voluntariamente as suas pernas, caminham de maneira altiva, sensualizam e exploram suas feminilidades e, ao fazer isso, resistem à toda e qualquer tentativa de violência.

O campo de experimentação escolhido aqui é o salto alto. Criar-aprender-ensinar *Heels* torna-se, assim, uma prática de resistência. Saber-fazer *Heels*, portanto, implica no reconhecimento das dimensões ética-estética-políticas presentes em nossas salas de aula quando corpos socialmente marginalizados escolhem dançar e dar voz as suas libidos.

Tal cenário metodológico rompe com a velha noção de que os corpos de nossas/os estudantes são tábulas rasas, recipientes prontos para serem preenchidos com um conhecimento externo. Retomar as origens do *Heels* e propor caminhos investigativos para aprendê-las, nos colocou em estado de dúvida e questionamento, uma vez que não haviam fórmulas dadas ou modelos a serem seguidos.

Esta despreensão para com resultados previamente esperados, ao passo que rompe com lógicas mecanicistas muitas vezes presentes no contexto das academias de dança, também proporciona novas possibilidades de entendimento do corpo, não somente na Dança, mas também na Educação. Isso significa que, ao retomar a curiosidade epistemológica em nossa prática docente, o corpo e(m) toda a sua potencialidade passam a ser protagonistas dos processos de criação-ensino-aprendizagem e esta é uma situação que não fica restrita apenas as áreas do conhecimento que já os concebem como ponto de partida.

Apostar nas rotas não tradicionais de ensino é um convite para que os lugares do corpo na Educação sejam cada vez mais ampliados. A prática docente em academias de dança, engajada com a diversidade de presenças, indica o potencial revolucionário que habita em nossos corpos: são essas fagulhas que incitarão a criação de novos mundos, mais justos e equalitários. Afinal, não é para isso que educamos?

REFERÊNCIAS

AUTOR. _____ [título suprimido para garantir a avaliação cega por pares]. 2024. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2024.

D'ANGELO, Francesca. **Standing tall, the stiletto heel as material memorial**: a contemporary cross-cultural look at perceptions of the stiletto heel. 2016. 330 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Universidade de York, Toronto, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 65. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2020.

OLIVEIRA, Eva Aparecida. A técnica, a *techné* e a tecnologia. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 2, n. 05, jul./dez., 2008, p. 1-13. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20417>. Acesso em: 10/07/2024.